

Este artigo pode ser utilizado mencionando a fonte original e a página Web de procedência.

Toda informação desta Web www.golden5.org está sujeita a Copyright

GOLDEN ÁREAS¹

(2) Construindo relações

Joanna Szymanska y Joelle Timmermans (2007). Golden área: Construindo relações.

Em: www.golden5.org/programa

- 1. A importância da relação professor-aluno**
- 2. Estudantes e professores em risco**
- 3. Relação estudante-professor na carreira docente**
- 4. GOLDEN5: propostas de passos chave**



1. A importância da relação professor-aluno

As relações de cuidado funcionam como importantes “fatores de proteção” e servem como base para a construção e desenvolvimento da resiliência entre meninos e meninas. Um estudo feito por Werner e Smith (1989), que durou mais de 40 anos, encontrou que pessoas mais resilientes (pessoas que saem fortalecidas depois de viver situações traumáticas, mencionaram a existência de modelos positivos ao longo de suas vidas, e que não pertenciam ao seu entorno familiar). Frequentemente, estes modelos eram seu professor ou professora favorita que foram não somente instrutores para a criança, mas também um modelo positivo de confiança e identificação pessoal. Uma relação de

¹ O texto original pode ser encontrado em:
<http://www.golden5.org/golden5/golden5/programa/es/2ConstruyendoRelaciones.pdf>

cuidado com os professores proporciona aos jovens a motivação para querer triunfar e progredir.

Os estudos de Klem e Connel (2004) mostram uma conexão entre o apoio do docente, a implicação do estudante e o rendimento acadêmico, tanto na escola primária como na secundária. Os estudantes que têm mais compromisso com a escola são aqueles que percebem que seus professores estão interessados neles, tem um entorno acadêmico bem estruturado, altas expectativas, claras e justas. Os estudantes do ensino secundário tinham três vezes mais tendências a se comprometer se haviam experimentado um alto nível de apoio por parte dos professores. Os adolescentes necessitam sentir que o professor está envolvido, que os conhece e que se preocupa com eles. Também necessitam apoio em seu processo de autonomia. Concluindo, os autores propuseram modelos de reforma escolar, desenvolvendo estratégias para criar entornos de criação personalizada para os jovens.

Em sua revisão, Noam e Fiore (2004) mostram o papel essencial das relações interpessoais no crescimento, aprendizagem e cura (processos terapêuticos) dos adolescentes. As escolas mais exitosas no âmbito acadêmico são aquelas onde os alunos se sentem ligados e respeitados por seus professores. Uma relação positiva com adultos (que não são seus pais) dá aos estudantes uma sensação de pertencimento, os ajuda a criar uma identidade coesa e a aprender habilidades tanto psicológicas como sociais. A clínica e as teorias do desenvolvimento sustentam que as relações positivas com os professores são particularmente significativas para os estudantes que têm desvantagens socioeconômicas, emocionais e educativas. Estas podem ajudar alunos e alunas a mudar a visão negativa sobre si mesmos e dos outros, inclusive se estas percepções tiverem sido geradas em uma família negativa. Na opinião dos autores, os docentes costumam não entender o significado do termo “construção de uma relação positiva”.

Também Stuhlman, Hamre e Pianta (2002) sugerem que muitos dos problemas dos estudantes, como a falta de motivação, descompromisso e mal comportamento, correspondem a esta ausência de apoio, um estilo de gestão altamente controlador e políticas disciplinares no ensino médio. Eles assinalam, a partir de diversos estudos, a

importância de construir relações de suporte, relações de cuidado entre professores e alunos, que beneficiam tanto aos adultos quanto aos adolescentes.

2. Estudantes e professores em risco

Stuhlman, Hamre e Pianta (2002) assinalam que estratégias intensivas podem melhorar as relações de certa parte do professorado e do alunado que podem ser considerados “em risco”. Estudantes em risco podem incluir os que tem problemas de disciplina, que particularmente vivem situações estressantes em suas casas, ou sofrem discriminação de outros. Professores em risco incluem docentes que estão no primeiro ano, aqueles com estudantes difíceis em classe ou os que mostram síndrome de “burnout”.

Os docentes que trabalham com estudantes em risco necessitam ser mais conscientes de como seus próprios pensamentos ou sentimentos sobre aqueles estudantes podem afastá-los tanto de perceber as necessidades dos estudantes como de minimizar suas dificuldades. Ao aumentar a consciência com respeito ao potencial dos alunos, os professores são capazes de fazer mudanças produtivas em suas interações que podem contribuir com o seu crescimento e desenvolvimento. Por exemplo, o Centro Cleo Eulau, uma agência sem fins lucrativos de Palo Alto, Califórnia, envia pessoas para trabalhar com Saúde Mental em escolas primárias e secundárias, vão às aulas, relacionam-se com os professores, trabalhando conjuntamente temas de relações interpessoais, como:

- Compreensão das condutas de desafio dos estudantes e prevenção de comportamentos que interferem em relações exitosas;
- Potencializar a consciência e a capacidade de crer nas habilidades dos estudantes.
- Desenvolver um repertório de formas de transmitir mais altas expectativas em relação aos alunos.
- Tornar-se mais conscientes e aumentar a própria crença em suas habilidades pessoais.
- Reconhecer a importância e o poder dos “encontros um a um” com os estudantes.

Proporcionar ajuda a determinados docentes costuma beneficiar todos os estudantes, incluindo se o apoio está focado na relação com um estudante em particular. Na medida em que a aula é o contexto onde se desempenham diariamente os estudantes, fazer desta um entorno mais adequado e que facilite nosso trabalho pode ter efeitos imediatos e duradouros em questões como: atenção, motivação e comportamento.

As relações positivas entre professores e alunos são as ferramentas mais importantes para desenvolver o trabalho educativo com êxito, tanto dentro como fora da escola. Estas relações são particularmente importantes para o desenvolvimento da autoconfiança e aquisição de habilidades para enfrentar os desafios associados à adolescência.

3. Relação estudantes e professores na carreira docente

Brekemans, Wubbels e Tartwijk (2005) realizaram uma investigação longitudinal para explorar o efeito da experiência dos professores na construção e manutenção de relações com os estudantes. Os resultados incluíam dados da percepção de 343 professores seguidos durante anos de experiência profissional, assim como dados da percepção de milhares de estudantes. A experiência do docente foi comparada com a proximidade de suas relações e a influência que exercia. Os resultados mostraram que as autopercepções dos professores e as percepções dos alunos eram estáveis. As percepções de proximidade de ambos e a quantidade de influência do professorado como média cresciam nos primeiros seis anos (especialmente nos três primeiros) de experiência docente. Segundo a percepção dos estudantes, os professores mais jovens são vistos como mais empáticos, permissivos, flexíveis e tolerantes. Simultaneamente o professorado com certos estilos interpessoais intolerantes têm relativamente pouca influência. A proximidade do professorado decresce ao final de sua carreira. Muitos docentes que trabalham há mais de 20 anos se tornam menos empáticos e mais restritivos.

Os autores explicam que os professores mais jovens não criaram ainda um repertório conceitual adequado e o conhecimento necessário para tomar o papel de líderes. Tem mais problemas com o controle e a disciplina em aula. No entanto, docentes com muita experiência também tem problemas com alguns estudantes, se distanciam mais de seus estilos de vida, que não entendem nem aceitam. Tem métodos passivos para ensinar e não estão de acordo com as atividades e responsabilidades do alunado. Esta alta demanda e a baixa conexão com o jovem pode provocar que os estudantes protestem e cria-se uma espiral de comunicação negativa.

Huberman (1993) descreveu a sequência que se produz na relação profissional do educador:

1. Fase 1 (1-3 anos) chamada “sobreviver e descobrir”. O educador vive um “choque de realidade” relacionado com a disciplina e a gestão, muda da permissividade a restrição severa e aprende por ensaio e erro.
2. Fase de estabilização (4-6 anos). O professor tem já suficientes habilidades educativas para se sentir um líder e um docente efetivo.
3. Fase de serenidade ou conservadorismo (19-30 anos). Esta última fase é também chamada de separação. O decréscimo da implicação com o trabalho pode afetar o fato de sentir menos interesse pela vida dos estudantes.

Todos estes autores assinalam que, apesar das mudanças pelas quais o docente atravessa ao longo da sua carreira, o desenvolvimento de atividades profissionais pode ser de grande ajuda para necessidades específicas em momentos concretos. A primeira e a última fase parecem ser particularmente importantes. A formação e o apoio em relação às relações professor-aluno são essenciais para todos, os novatos e os mais velhos. Os novatos necessitam formação na conduta dominante, mais do que em como estabelecer limites aos estudantes. A formação em como dar liberdade e responsabilidade aos estudantes deveria ser uma parte prioritária da formação do professorado. Além disso, a formação sobre criação de normas, critérios, de maneira não provocativa poderia ser realmente útil.

4. Estratégias de construir relações: passos chaves GOLDEN

Para resumir, recomendamos estabelecer uma relação boa e segura com os alunos baseada no respeito e implicação mútua. As boas relações com os estudantes beneficiarão tanto adultos como adolescentes e influenciarão o clima social da escola e da classe.

As relações positivas são ferramentas importantes para obter o êxito dos estudantes, tanto dentro como fora do colégio. Na medida que as escolas com mais êxito acadêmico são aquelas onde os estudantes se sentem vinculados e respeitados pelos docentes, se mostra que o papel do professor é essencial.

Para ser um professor “Golden”, é importante reconhecer as qualidades dos alunos, sentir-se bem estando com eles e passando tempo juntos, mostrar interesse e compreensão pelo mundo de cada estudante (suas competências culturais). Significa também desenvolver qualidades como ser amistoso, emocionalmente estável, ser expressivo e, em certo grau, carismático.

Propomos quatro competências básicas e diferentes passos chave para gerar entornos cómodos e personalizados para todos, especialmente para os jovens:

Competência 1. O interesse e proximidade se refletem no grau de receptividade e comunicação aberta que se produz entre professor e aluno. O interesse e cuidado contribuem para desenvolver a autoestima dos estudantes. Para o professor, é importante reconhecer suas qualidades e características e demonstrar respeito. Os estudantes respondem melhor quando se lhes demonstra interesse e se lhes faz sentir que existe preocupação por eles.

- Usar o nome do estudante ao dirigir-se a ele.
- Sorrir e mostrar um reconhecimento positivo ao encontrar-se com um estudante

fora da classe.

- Usar o “momento Golden” para mostrar interesse pelo aluno e conversar acerca de temas “extra escolares”
- Recordar as coisas que o estudante contou. Repeti-las e mostrar interesse.
- Assegurar-se de “prestar atenção” ao estudante pelo menos uma vez durante cada lição (olhá-lo, estar próximo, reforçar positivamente, ajudá-lo, etc).

Competência 2. Apoiar o estudante significa reconhecer as diferenças individuais (sociais e acadêmicas), ter expectativas de alto rendimento e dar ânimo e feedback positivo. O apoio está ligado ao cuidado e interesse. Os adolescentes necessitam sentir que o docente está envolvido com eles, que os conhece e se preocupa por eles, porém também necessita um apoio que lhes permita um certo grau de autonomia.

- Usar a estratégia da “folha em branco”: cada dia e cada lição representam uma nova possibilidade.
- Dar um feedback construtivo e positivo.

Competência 3. Modelar uma conduta apropriada. É importante dar-se conta que existem claras diferenças de poder na relação professor-aluno. O docente deve criar um entorno onde estejam claramente estabelecidas as normas associadas a comportamentos socialmente apropriados, deve mostrá-las, reformá-las e modelá-las (ver mais em Golden área 1: Gestão de aula). Tal ambiente dá ao estudante uma sensação de consistência, estabilidade e previsibilidade que pode melhorar a qualidade da relação professor-aluno.

- Usar características dos estudantes, bons trabalhos ou com bom comportamento como uma referência comum em classe.

Competência 4. Desenvolver habilidades para construir boas relações e interações satisfatórias em classe. Dado que uma relação conflitiva com os estudantes pode impedir uma boa adaptação à escola, são necessárias relações construtivas de acordo às competências sociais tanto do estudante como do professorado. É importante para o

docente (e para o estudante também) desenvolver habilidades básicas de comunicação e regulação de conflitos. Os professores que trabalham com estudantes de alto risco necessitam ser mais conscientes de seus próprios sentimentos e ideias a respeito deles, pois estes podem impedir de reconhecer suas necessidades e a melhoria da relação. Uma relação positiva e a capacidade do professorado para reduzir os problemas de comportamento em aula (Ver 1) incrementará a concentração acadêmica do estudante.

- Use o humor em classe.
- Procure ter em conta a perspectiva dos estudantes em situações e problemas distintos e tente ajudar.
- Fale coisas positivas dos estudantes quando outros adultos ou estudantes estiverem escutando.

Referências:

Birch S.H., Ladd G.W. “Interpersonal relationships in the school environment and children’s early school adjustment: the role of teachers and peers”. Chap. 9, p. 199-225, in Jonoven J. & Wentzel, K. Social motivation: understanding children’s school adjustment, Cambridge University Press, 1996.

Brekelmans M., Wubbels, T., Tartwijk J. “Teacher-Student Relationships across the Teaching Career”. International Journal of Educational Research no 43, 2005.

Eccles J.S, Midgley C. “Stage-environment fit: Developmentally appropriate classrooms for young adolescents, in C. Ames & R. Ames EDS, Research on motivation in education: goals and cognitions, volume 3 (pp. 139-186). Academic Press, N.Y. 1989.

Huberman, M. (1993). “Steps toward a developmental model of the teaching career”. Kremer-Hayon, Vonk & Fessler (Eds), Teacher Professional Development: a multiple perspective approach. Amsterdam: Swets & Zeitlinger.

Klem A.M., Connel J.P. “Linking Teacher Support to Student Engagement and Achievement”. Journal of School Health, September 2004, vol. 74, No. 7.

Noam G.G., Fiore N. “Relationships across Multiple Setting. An Overview.” New Direction for Youth Development, No. 103, Fall 2004, Wiley Periodicals Inc.

Stuhlman M.W., Hamre B. Pianta R. “Building Supportive Relationships with Adolescents”. Middle Matters. Fall 2002.

Werner E. and Smith R. (1989), “Vulnerable but Invincible: a Longitudinal Study of Resilient Children and Youth”. New York, Adams, Bannister and Cox.